


Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Regional</b>	
Título: <b>As vindimas</b>					Temática: <b>Generalista</b>	
2006/10/26	<b>A VOZ DE TRÁS-OS-MONTES – PRINCIPAL</b>	Pág.18	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Semanal</b>	Inv.: <b>160.00</b>

ABEL FERREIRA DE CASTRO

# As vindimas

Com motivo, essencialmente, na época das últimas vindimas, e nos sugestivos eventos relacionados com as comemorações dos 250 anos da Região Demarcada do Douro, são várias as referências que, acerca do assunto, têm sido feitas nas edições mais recentes deste Nosso Jornal.

E o tema, cativante, sem dúvida, não terá deixado de muito sensibilizar quantos, como nós, desfrutaram um maior ou menor número de socialcos, na área da notável região vinhateira, justamente classificada como Património da Humanidade.

E porque das vindimas e do precioso néctar se trata, eis-nos tentados a reproduzir aqui excertos de um artigo alusivo, publicado no ano já distante de 1945, num exemplar do antigo Jornal "GAZETA DO SUL", em nosso poder há mais de quatro décadas, artigo que, além da vertente cultural que evidencia, julgamos coadunar-se perfeitamente com o sentido das linhas que precedem.

"Por aí fora vai um remexer de vida exuberante, ao som de cantigas e presságios. Cantam as vindimadeiras enquanto cortam alegremente os cachos da promessa; chamam em toadas melancólicas os carros que os transportam; canta a natureza maravilhas ao findar a tarefa de criar riquezas e farturas; cantam lagareiros e morenos serviçais

ao fabricarem os vinhos alambreados para gáudio das gerações.

Um canto único se eleva dos campos e das adegas! Nasce um mar de esperanças na maior ventura das fainas agrícolas, e o Homem vive em perpétua embriaguez de antecipadas ilusões. A festa dionisiaca expande-se em estrofes de cor e de alegria! Os cachos loiros e negros, que salpicavam as encostas e as vargens são cortados por mãos de mocidades em flor e amontoados nas tinas. O Sol beija os pela última vez e acompanha os em melopeias de luz pelas estradas e campinas.

A festa continua com novos aspectos. A tortura dos bagaços começa. Desengaçados, arrastados, empurrados e pisados, transformar-se depois em líquidos fulgurantes, de capeiosas tentações, borbulhantes de alacridade e de vida ilusória; e num desespero tumultuoso fervem nas tinas e balseiros, fermentam em estos de intensa revolta, caem no ventre dos tonéis murmurando velhas resingas de misteriosos néctares... E os filtros provocantes das alegrias futuras e das desgraças próximas, espirram e saltitam nos copos para lenitivo efêmero da humanidade preocupada e inquieta.

O vinho é o leite dos velhos. E a alma dos decrepitos, estua de sensações e busca nas cintilas o poder mágico da ressurreição

Na época plena de graça que decorre país além, andam epopeias nos ares, sentem-se as palpações da terra que se despede por um ano, bailam e pululam gestações novas que incendeiam, nascem idílios e morrem sonhos!

Quando Dionísio lendário cultivou a vinha pela primeira vez e inventou a maneira de fabricar o líquido alcoólico que havia de deslumbrar o Mundo, mal sabia que fonte rasgava para bem e mal dos humanos.

Da insossa intemperança dos humildes, às bacanais esplendentes dos grandes, que longo cortejo de vicissitudes e depravações!... Mas a festa paira nas colinas e barrocais; a gente forma filas tortuosas pelos caminhos e carreiros; perpassam poemas de graça e de juventude nas aldeias sertanejas e nos locais dos aprestos.

Anda Baco nos corações e nos espaços: e só os pâmpanos viridentes se despedem tristemente dos frutos que partem... para não mais voltarem. E era assim quando da Índia até à Gália a cultura se generalizou; e era assim quando, na Renascença esfuziante, se melhoraram os processos de cultivo e se cobriram de videiras as encostas sáfaras e estéreis.

E tal como a vida humana, o vinho tem juventude, maturidade e velhice. Somente uma diferença! Quanto mais velho mais vale, ao contrário do Homem, que menos vale quanto mais

velho se encontra! Marchem, pois, as vindimas e saudemo-las na hora difícil que passa.

Ao menos, enquanto se mexem e remexem, param por momentos os pensamentos das tragédias, as excitações e as incertezas, as dúvidas que atormentam e que esmagam as horas da vida! E enquanto a embriaguez se esfuma no passado das sombras tenebrosas, nova embriaguez se desenha nas prosperidades que prometeis — "oh festas análogas da Etrúria, de Roma e de Portugal!"

E rematamos, rememorando, ainda, a célebre Lagarada de Celeirós do Douro, que proporcionou a festa popular a que alude o digno Director de "A VTM", Dr. António Maria Cardoso, no Editorial da edição de 5 deste mês, ao mesmo tempo que, com a elevação que o caracteriza, no mesmo rumo da matéria focada, sublinha: — "...E em nenhum outro sítio como aqui, no coração do Douro, se sente e percebe o amor dos homens e dos filtros da Natureza... até maravilhar-se no 'sol engarrafado' ou num cálix de vinho fino, onde cabe inteirinha uma epopeia: a do homem que estoirou fragas, jardinou as encostas com baceiros, os regou de suor, os aqueceu no xisto, os viu embandeirar de ouro e prata, ressumantes de aroma, ricos de cor e de sabor sem igual..."